



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, de autoria da Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos.

Editora: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos (Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*) - <http://lattes.cnpq.br/9891044070786713>
<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>

Revista indexada em:

NACIONAL

WEBQUALIS - <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam> - da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Ministério de Educação - Brasil), em **nove** (atualizado em 27/out./2013) subáreas do conhecimento (conforme tabela da CAPES/2012): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Geografia (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B3**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Artes/Música (**B5**), Multidisciplinar: Ensino: Ensino de Ciências e Matemática (**B2**), Multidisciplinar: Biotecnologia (**C**).
GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>
DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>
GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>
IRESIE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>
LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>
REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

Artigo recebido em 28/fev./2015. Aceito para publicação em 30/abr./2015. Publicado em 1/jun./2015.

Como citar o artigo:

SANTOS, Selma dos. A mulher feiticeira, a mulher pastora: uma questão de gênero e/ou uma questão de interpretação bíblica. *Revista Metáfora Educacional* (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*. Editora Dra. Valdecí dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 18 (jan. – jun. 2015), 1 jun. 2015, p. 44-58. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

**A MULHER FEITICEIRA, A MULHER PASTORA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO
E/OU UMA QUESTÃO DE INTERPRETAÇÃO BÍBLICA**
**THE WITCH WOMAN, A PASTOR WOMAN: A GENDER ISSUE AND/OR BIBLICAL
INTERPRETATION ONE**

Selma dos Santos

Mestra em Educação pela Université du Québec à Chicoutimi 

Especialista em Alfabetização pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS 

Professora da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS 

E-mail: selmaxx@ig.com.br

45

RESUMO

O tema do presente artigo é o papel da mulher na sociedade, com recorte nas práticas inquisitoriais focando a questão de gênero. Busca responder as questões: como a sociedade patriarcal trata a mulher? Por que as mulheres não podem assumir o papel de pastora? Com o objetivo de analisar a opressão imposta à mulher através de práticas inquisitoriais, muitas vezes veladas, no decorrer da história com foco na questão de gênero e interpretação bíblica que estabelece o exercício da liderança eclesial somente para o homem. O estudo reconhece que a mulher constrói seu espaço de luta e descobre-se mulher capaz de administrar-se a si e a relação com o outro mais harmonicamente, abrindo espaço para a discussão sobre a formação do ser integral (força, amor, intuição, espiritualidade). Nesta posição, a mulher se assume e rejeita a “pedagogia do medo” e os “preconceitos religiosos” sobre sua condição ou não de assumir um pastoreio da Igreja. Para tratar dessa questão o presente artigo está dividido em quatro tópicos: 1. Uma questão de gênero, 2. A Mulher Diaba no Brasil Colônia, 3. A influência da Igreja na inculcação de valores, 4. A cura da alma: a mulher pastora uma interpretação bíblica. O artigo não traz uma conclusão, deixa as ideias postas para servirem de ponto inicial de discussão sobre o papel da mulher no cuidar do outro, isso inclui o ministério pastoral. Palavras-chave: Gênero. Opressão à mulher. Interpretação bíblica. Liderança eclesial.

ABSTRACT

This paper comes to the role of women in society, with cut in the inquisitorial practices focusing on the gender issue. It seeks to answer the questions: how does the patriarchal society treat women? Why cannot women take on the role of a pastor? In order to analyze the oppression imposed on women through inquisitorial practices, often veiled, throughout history with a focus on gender issues and biblical interpretation establishing the practice of church leadership only to man. The study recognizes that the woman has built her space of struggle and discovered herself able to manage herself and the relationship with each other more harmoniously, opening room for discussion on the formation of the integral being (strength, love, intuition, spirituality). In this position, the woman takes herself on and rejects the "pedagogy of fear" and "religious prejudices" about her condition or not to take on a herding the Church. To address this issue, the present paper is divided



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

into four topics: 1. An issue of gender, 2. Diaba woman in Colonial Brazil, 3. The influence of the Church in the inculcation of values, 4. The healing of the soul: a woman pastor a biblical interpretation. The article does not bring a conclusion, let the ideas put to serve as a starting point for discussion on the role of women in caring for others, so this includes the pastoral ministry. Key-words: Gender. Oppression to women. Biblical interpretation. Church leadership.

INTRODUÇÃO

46

Este artigo analisa a opressão imposta à mulher através de práticas inquisitoriais, muitas vezes veladas, no decorrer da história com foco na questão de gênero e interpretação bíblica que estabelece o exercício da liderança eclesial somente para o homem.

UMA QUESTÃO DE GÊNERO

A discussão sobre gênero (ARENDR, 1995; BEBHABIB e CORNELL, 1997; BEAUVOIR, 1949; MALUF, 1995; MURARO, 1993, 1991; NYE, 1995; PERROT, 1992), tem como eixo a construção social dos papéis de homem e mulher na sociedade. Gênero - é a construção social do indivíduo como sujeito masculino e feminino estabelecida a partir das relações sociais, estando homens e mulheres inseridos em um meio que atribui significação diferenciada por papéis distintos e desiguais, masculino e feminino. A categorização dos gêneros deve ser reconhecida como construção social. A participação das mulheres deve tornar-se visível na construção das ciências e do ser teológico.

Em sociedades que vivem da coleta e caça de pequenos animais para sobrevivência do grupo, homens e mulheres governam juntos. Grupos remanescentes destas culturas são os mahoris (Indonésia), pigmeus e bosquímanos (África Central). Nesses grupos, a mulher ainda é considerada um ser sagrado, porque pode dar a vida e, portanto, ajudar a fertilidade da terra e dos animais. (MURARO, 1991, p. 5).

Nas sociedades em que a força física passa a ser necessária à caça aos grandes animais, se inicia a supremacia masculina, o homem desenvolve o “poder cultural”. Nessas sociedades os homens sentem inveja da mulher, pois ela possui o privilégio de reproduzir a espécie, o “poder biológico”. As relações entre homem e mulher passam a ser uma relação de poder, em que normas são estabelecidas e a hegemonia masculina torna-se uma presença com a coerção e a centralização. (MURARO, 1991).

A institucionalização do casamento com descendência masculina, no período neolítico, faz a mulher propriedade do homem, a exemplo das sociedades pastoris descritas na Bíblia. A utilização dos instrumentos que permitem o cultivo da terra passa à mão do homem, as sociedades se tornam patriarcais. “Já não são mais os princípios femininos que governam juntos o mundo, mas, sim, a lei do mais forte” (MURARO, 1991, p. 7).

As mulheres passam a ter a destinação do casamento e da procriação, e normas morais são instituídas para assegurar a fidelidade conjugal. O ato sexual só pode acontecer dentro do casamento e com fins específicos de procriação. É negado o prazer da atividade sexual.

A ambivalência dos prazeres sexuais dos séculos I e II leva os médicos a descreverem patologias decorrentes dos atos sexuais e a reafirmarem a superioridade do macho em relação à



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

fêmea. “A atividade sexual se encontra no princípio de efeitos terapêuticos como também de consequências patológicas.” (FOUCAULT, 1985, p. 121).

Os períodos históricos que viverá a humanidade serão influenciados pelos mitos, especialmente o mito da criação. Os diversos mitos da criação sugerem sempre as relações do homem e da mulher e os arquétipos que serão constituídos a partir do emergir de cada concepção de criação.

Muraro (1991) cita Marilyn French, fazendo referência ao trabalho da autora onde a mesma cita o mitólogo americano que escreveu *The Marks of God: Occidental Mythology* (Nova York, 1970), que divide o mito da criação em quatro grupos: esses grupos correspondem às etapas cronológicas da história humana – da etapa matricêntrica da humanidade à fase patriarcal

47

Na primeira etapa, o mundo foi criado por uma deusa mãe sem auxílio de ninguém. Na segunda, ele é criado por um deus andrógino ou um casal criador. Na terceira, um deus macho ou toma o poder da deusa ou cria o mundo sobre o corpo da deusa primordial. Finalmente, na quarta etapa, um deus macho cria o mundo sozinho.

Essas quatro etapas que se sucedem também cronologicamente são testemunhas eternas da transição da etapa matricêntrica da humanidade para a sua fase patriarcal, e é esta sucessão que dá veracidade à frase já citada de Marilyn French [“No princípio era a Mãe, o Verbo veio depois”].

Alguns exemplos nos farão entender as diversas etapas e a frase de French. O primeiro e mais importante exemplo da primeira etapa em que a Grande Mãe cria o universo sozinha é o próprio mito grego. Nele a criadora primária é Géia, a Mãe Terra. Dela nascem todos as protodeusas: Urano, os Titãs e as protodeusas, entre as quais Réia, que virá a ser a mãe do futuro dominador do Olimpo, Zeus. Há também o caso do mito Nagô, que vem dar origem ao candomblé. Neste mito africano, é Nanã Buruquê que dá à luz todos os orixás, sem auxílio de ninguém. Exemplos do segundo caso são os deuses andróginos que geram todos os deuses, no hinduísmo, e o yin e o yang, o princípio feminino e o masculino que governam juntos na mitologia chinesa.

Exemplos do terceiro caso são as mitologias nas quais reinam em primeiro lugar deusas mulheres, que são, depois, destronadas por deuses masculinos. Entre essas mitologias está a sumeriana, em que primitivamente a deusa Siduri reinava num jardim de delícias e cujo poder foi usurpado por um deus solar. Mais tarde, na epopéia de Gilgamesh, ela é descrita como simples serva. Ainda, os mitos primitivos dos astecas falam de um mundo perdido, de um jardim paradisíaco governado por Xoxiquetzl, a Mãe Terra e os Quatrocentos Habitantes do Sul (as estrelas). Mais tarde, seus filhos se revoltam contra ela e ela dá à luz o deus que iria governar a todos, Huitzolopochtli.

A partir do segundo milênio a. C., contudo, raramente se registram mitos em que a divindade primária seja mulher. Em muitos deles, estas são substituídas por um deus macho que cria o mundo a partir de si mesmo, tais como os mitos persas, meda e, principalmente e acima de todos, o nosso mito cristão, que é o que será enfocado aqui.

Javé é o deus único todo-poderoso, onipresente, e controla todos os seres humanos em todos os momentos da sua vida. Cria sozinho o mundo em sete dias e, no final, cria o homem. E só depois cria a mulher, assim mesmo a partir do homem. E coloca ambos no Jardim das Delícias onde o alimento é abundante e



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

colhido sem trabalho. Mas graças à sedução da mulher, o homem cede à tentação da serpente e o casal é expulso do paraíso.

Aqui começa uma incursão sobre o mitologema constituído a respeito da mulher.

A sabedoria da mulher estrutura o arquétipo feminino de rebeldia em relação ao conhecimento do homem (PERROT, 1992). A sabedoria da mulher é evocada desde o momento bíblico em que a mulher não pretende se submeter ao homem. Segundo Sicuteri (1990, p. 38), Lilith a primeira companheira de Adão “pede para ser considerada igual. Eva pensa que não há morte ao assumir a sabedoria proibida. Lilith desobedece à supremacia de Adão, Eva desobedece à proibição. Ambas assumem um *risco*, mediante um *ato*”.

A tentativa, segundo o mitologema de Lilith, de igualdade da mulher ao homem sendo uma expressão demasiadamente contrária, leva à comparação do amargor da losna: “está amarga como a losna, afiada como espada com corte duplo” (SICUTERI, 1990, p. 39). Assim, “Lilith se estrutura como arquétipo e símbolo das proibições colocadas ao *desejo*, sobre as quais vão se agregar influências religiosas de culto e psicológicas, transformando-a em verdadeiro *tabu*” (SICUTERI, 1990, p. 58).

O mitologema da mulher desafiadora se faz e se refaz durante todos os períodos históricos, sempre como construtor de um universo de novas relações e desafios ao homem que a teme e que tende a superá-la. O conhecimento feminino é ameaçador ao homem e, em alguns aspectos, ameaçador à existência do macho. “O homem é também aquilo que sente e experiencia subjetivamente e todo este patrimônio de experiência lhe pertence mesmo se vier a faltar uma verificação objetiva que do exterior codifique o endosso daquilo que é ou não aceito” (SICUTERI, 1990, p. 148).

O poder de cura, atribuído à mulher durante todo o caminhar da humanidade, passa pelo desejo e pelo medo do controle da fêmea. Em algumas civilizações esse poder é atribuído às mulheres que têm o conhecimento de cura, a titulação de deusa e, em outras ou em dado momento da mesma civilização, a de funesta destruidora, a bruxa (DREHER, 2013; DEL PRIORE, 1993; DELUMEAU, 1989; KRAMER E SPRENGER, 1991; MICHELET, 1992; MURARO, 1993; MURARO, 1991; SICUTERI, 1990; SZASZ, 1976).

É notório o poder de cura desenvolvido pela mulher, porque tida como mais próxima da natureza e mais bem informada de seus segredos; à mulher sempre foi creditada, nas civilizações tradicionais, o poder não só de profetizar, mas também de curar ou de prejudicar por meio de misteriosas receitas. Assim também ocorre na Idade Média. Foi a *mulher sábia*, a *saga*, quem cuidou de acalmar as chagas do homem. Se ela não curava, injuriavam-na, taxavam-na de feiticeira. Mas, em geral, por um respeito mesclado de medo, chamavam-na *boa dama* (*bella donna*), o próprio nome que se dava às fadas (MICHELET, 1992, p. 30).

Sucedeu-lhe o que ainda sucede com sua planta favorita, a beladona, e a outros venenos salutares que ela empregava e que foram o antídoto dos grandes flagelos da Idade Média. Antes de as conhecer, a criança e o ignorante amaldiçoam essas flores escuras, que os atemorizam por suas cores duvidosas. Eles recuam, se afastam. E no entanto essas flores são as *consoladoras* (solâneas), que, discretamente administradas, muitas vezes curaram, atenuaram os males (MICHELET, 1992, p. 31).



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

É na Idade Média que começa a se constituir a imagem de mulher feiticeira, com atributos de poder satânico. E na Idade Moderna se instala a maior perseguição às mulheres que, na concepção da época, eram perigosas. Elas precisavam ser detidas e seus poderes e conhecimentos exterminados. (MURARO, 1991).

Para entender o papel da feiticeira como terapeuta, é preciso lembrar que a Medicina da Idade Média, tal como outros ramos do conhecimento, eram proibidos às mulheres e parte da população. “Salvo o médico árabe ou judeu, pago a peso de ouro pelos reis, a medicina se exercia apenas na porta das igrejas, junto à pia de água benta (MICHELET, 1992, p. 103). Além disso, dada a misoginia religiosa da época, a mulher era tratada como animal, ou ainda pior. Por isso, como observa Michelet (1992, p. 105), “jamais, nesses tempos, a mulher teria admitido um médico homem, nem se teria confiado a ele, nem lhe teria revelado seus segredos. As feiticeiras eram as únicas a observarem, e foram, sobretudo para a mulher, o único e exclusivo médico”.

Em síntese: Onde é que o servo e sua mulher poderiam conseguir alívio para seus males? Dentro da igreja de sua fé era impossível, nem da corte de seu senhor, mas apenas na magia, na superstição e na feitiçaria.

Desde a mais remota antiguidade, as mulheres eram as curadoras populares, as parteiras, enfim, detinham saber próprio, que lhes era transmitido de geração em geração. Em muitas tribos primitivas eram as xamãs. Na Idade Média, seu saber se intensifica e aprofunda. As mulheres camponesas pobres não tinham como cuidar da saúde, a não ser com outras mulheres tão camponesas e tão pobres quanto elas. Elas (as curadoras) eram as cultivadoras ancestrais das ervas que devolviam a saúde, e eram também as melhores anatomistas do seu tempo. Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, e as médicas populares para todas as doenças (MURARO, 1991, p. 14).

A feiticeira interpretava e aplicava os ritos mágicos de cura (para controlar a doença) e de influência pessoal (para controlar os malfeitores). Segundo Michelet (1992, p. 30), “o único médico do povo, durante mil anos, foi a feiticeira”. Na realidade, a boa bruxa não era apenas médica, mas também astróloga, nigromante, profeta e feiticeira.

O estudo da Anatomia, durante muito tempo proibido pela Igreja, começou com ela; por isso foi acusada de roubar túmulos e de vender crianças para o Demônio. O estudo de venenos, de Química e de Farmacologia também começou com ela. É evidente porque isso teria que ser assim. Como a terapia secular tinha sido proibida pela Igreja, só poderia ser praticada por marginais da sociedade: judeus ou feiticeiras. As feiticeiras tinham, em grande parte, um monopólio dos poderes de cura – os poderes duplos de curar e ferir – porque havia uma proibição medieval contra a Medicina (SZASZ, 1976, p. 114).

Além disso, nas mentes das pessoas simples que procuravam sua ajuda, a boa feiticeira não era (necessariamente) uma aliada do Demônio: essa interpretação foi imposta a seu papel pela Igreja, durante a Idade Média. Na realidade, o mago, ou mais frequentemente a feiticeira, constituía um tipo de terapeuta pré-científico, que combinava os papéis de praticante de medicina, sacerdote e bom vizinho. Nas palavras de Christina Hole (*apud* SZASZ, 1976, p. 115):

SANTOS, Selma dos. A mulher feiticeira, a mulher pastora: uma questão de gênero e/ou uma questão de interpretação bíblica.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

A bruxa branca, ou feiticeira, era a protetora da comunidade, assim como seu oponente criminoso era seu inimigo. Como a feiticeira negra, dependia de magia, mas usava-a principalmente para objetivos bons, para curar a doença, para afastar maus olhados, para identificar ladrões ou encontrar objetos roubados, bem como para proteger seus vizinhos de todos os tipos de mal. (...) Quando havia poucos médicos e estes não eram muito habilidosos, a feiticeira era muitas vezes capaz de curar doenças simples com o uso de ervas e senso comum, ataviados com magias. (...) A feiticeira atendia como parteira. (...) Seu [da feiticeira branca] valor para a comunidade estava no fato de ser conhecida e aceita, e era chamada em casos de doença e perturbação, quando nenhum estranho, por mais versado que fosse, seria consultado.

50

O medo à magia fez com que fosse criado o mito da feiticeira má e da parteira-bruxa que destruía os bebês.

Dada a natureza e um elo humano entre o camponês sofredor e as feiticeiras aceitas, a boa feiticeira tornou-se dotada de grandes poderes de cura. A feiticeira adquire, ao fazer experiência com remédios tirados de plantas, um conhecimento autêntico de alguns agentes farmacológicos muito poderosos. Tão adiantado é seu conhecimento que, em 1527, na Basiléia, Paracelso, considerado um dos maiores médicos de seu tempo, queima sua farmacopéia oficial, declara saber apenas o que aprendera das feiticeiras (MICHELET, 1992, p. 31 e 105; SZASZ, 1976, p. 116).

Dado os seus métodos e sua popularidade, a feiticeira branca era um desafio à Igreja. Michelet (1992) sugere – e a sugestão é plausível – que o empirismo da feiticeira e da bruxaria foi, sobretudo, uma revolta contra a autoridade da Igreja. E pergunta Michelet: (1990, p. 107) “Como é que se chegou a ela [de cura científica, oposta a princípios religiosos]?”. E responde: “Sem dúvida, pelo efeito tão simples do grande princípio satânico de que *tudo deve ser feito às avessas*, exatamente ao contrário do que faz o mundo sagrado. Esse tem horror aos venenos: Satã os emprega e os transforma em remédios”.

Acentuando que a ciência sempre progride através do ceticismo com relação à autoridade estabelecida, Michelet (1990, p. 107), observa:

Existe acaso uma só ciência que se possa demonstrar não ter sido originalmente uma revolta contra a autoridade? A Medicina, acima de tudo, era real e verdadeiramente satânica, uma revolta contra a doença, isto é, contra o merecido flagelo de um Deus ofendido. Evidentemente, é um ato criminoso deter a alma em seu caminho para o céu e recolocá-la na vida deste mundo!

Portanto, é um grave erro acreditar que a Igreja se opunha à feitiçaria apenas porque considerava a feiticeira uma causa de doença e infelicidade. A Igreja considerava que a cura só poderia ser dada por Deus. E que a prática da feitiçaria era uma afronta à supremacia do sacerdote. (DELUMEAU, 1989; GINZBURG, 1999; MICHELET, 1992; SICUTERI, 1990; SZASZ, 1976)

Nesse período vemos a cura do homem colocada sob a jurisdição exclusiva de Deus e do sacerdote; mais tarde, veremos que ficou colocada sob a da natureza e do médico. Assim, como os



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

sacerdotes medievais proibiam que os não-clericais curassem, também os clínicos modernos (os médicos) proibem que os não-clínicos curem (SZASZ, 1976, p. 118 – 119).

Na França do século XIX a contestação dos conhecimentos médicos e o uso de remédios populares sempre serviram de conflitos entre médicos e mulheres do povo.

Seria preciso falar ainda da cultura do corpo. Antes de serem as auxiliares reverentes, ansiosas e sempre culpabilizadas dos médicos, as mulheres do povo, pelo contrário, foram suas principais rivais e continuadoras de uma medicina popular, cujas virtudes hoje em dia tende-se a revalorizar. Elas empregam todos os recursos de uma farmacopéia multissecular, conhecem mil maneiras de aliviar pequenos males cotidianos que tantas vezes desarmam a medicina douta. Olhando de perto, esses “remédios populares” certamente revelariam um real saber dos sofrimentos do povo, preocupado em evitar despesas, mas também em conservar sua autonomia corporal e em subtrair-se ao olhar médico, esse olhar que ausculta, mede, classifica, elimina e, para terminar, envia-se para o maldito hospital” (PERROT, 1992, p. 208).

51

As práticas terapêuticas não-formais continuam a existir no cotidiano da população, especialmente de baixo poder aquisitivo.

No Brasil o registro de mulheres, desde o período colonial, que usam as plantas medicinais para alívio dos males do povo, encontra-se nos estudos de Del Priore, 1993; Souza, 2000. Os registros inquisitoriais levantados no estudo de Souza (2000), que têm como objeto a feitiçaria no Brasil colonial, deixam claro como os arquétipos¹ são manifestados e construídos historicamente.

Hoje, como no período colonial (SOUZA, 2000), as adivinhações, as curas mágicas, as benzeduras, as influências das fases da lua sobre o corpo procuram responder às necessidades e atender aos acontecimentos diários, tornando menos dura a vida das pessoas que se encontram em dificuldade. Os valores subjetivos, que vão sendo constituídos nessa situação de dificuldade, perpassam pela necessidade de sobrevivência e afirmação existencial.

As curas mágicas com palavras, reflexos da velha crença da Igreja medieval no poder curativo da feitiçaria, que eram comuns em toda Europa, passam a ser heresia durante a Inquisição. Como no Brasil colônia, hoje assistimos às rezas para curar-se de quebranto, mau-olhado, erisipela e espinhela caída.

O uso de plantas medicinais é registrado desde o período colonial. Alguns usos, porém, foram condenados pela Santa Inquisição. Um exemplo disso é relatado por Souza (2000, p. 238):

Maria Joana sabia ainda que as folhas de outras duas árvores, o caãxixo (= árvore que chora) e o urubu giriá (= corvo que vira), tinham virtude de atrair homens quando eram misturadas ao tabaco do cachimbo e dadas ao amante para que o fumasse. João Mendes, por sua vez, acreditava nos poderes dos lavatórios com ervas. Certa vez, cobiçara uma índia solteira, que o desprezava e lhe dizia que não era capaz de tê-la. Um amigo índio lhe ensinara então um lavatório com folhas e raspas da raiz da árvore chamada tabarataseú; deveria aspergir o corpo todo e os cabelos por três vezes, invocando o demônio. Na madrugada do dia em

¹ Arquétipos: padrões de estruturação e desempenho psicológico ligados a fatores biológicos. 1 – fenotípicos - capital genético; 2 – genotípicos – modelos de aprendizagem e de “imprinting”.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

que realizou a cerimônia, a índia desejada bateu à sua porta; ele a recolheu para dentro, e logo ambos ofenderam a Deus.

A mistura de crenças, religiosidades, que vem desde o período colonial, se confunde com a explicação de fenômenos subjetivos ou arquetipais que o indivíduo vivencia através das imagens e símbolos de sua trajetória de vida. Algumas hipóteses sobre esses conhecimentos e/ou saberes podem ser levantadas a partir da leitura do livro *O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum* – Heinrich Kramer e James Sprenger, escrito em 1484. O exemplo, a reza com folhas para mal olhado:

52

Entretanto, podemos esclarecer com maior nitidez de que modo é possível fazer mal através do olhar. Pode acontecer de um homem ou uma mulher olhar fixamente uma criança e esta, devido à sua suscetibilidade visual e à força de sua imaginação, sofrer impressão considerável e direta. E impressão desse tipo muitas vezes se acompanha de alteração corpórea, por serem as crianças muito propensas a tal, já que os olhos são dos mais sensíveis órgãos do corpo. Pode acontecer assim de os olhos receberem impressão maléfica, sofrendo grave transfiguração pois muitíssimas vezes os pensamentos e os movimentos do corpo são influenciados e revelados pelo olhar. É possível, portanto, a certos maus-olhados, rancorosos e malévolos, deixar marca profunda na memória e na imaginação de uma criança, de forma a refletir-se em seu próprio olhar. Podem daí decorrer efeitos reais: a criança poderá perder o apetite, deixar de se alimentar e acabar adoecendo gravemente. Notamos, às vezes, que o olhar de um homem que sofre de moléstia dos olhos é capaz de ofuscar e debilitar os olhos dos que o fitam, embora tal fenômeno, em grande medida, não passe do mais puro efeito da imaginação (p. 73).

Para se evitar que o mal do olhar cresça, é preciso rezar com folhas de **arruda** e jogar, porta a fora, os ramos utilizados na reza, cortando assim o mal pela raiz.

A mistura de credences e superstições² religiosas que vem desde o período colonial se confunde com a explicação de fenômenos subjetivos ou arquetipais que o indivíduo vivencia através das imagens e símbolos de sua trajetória de vida.

Mas não só esta prática sobreviveu como a crença nos calundus (SOUZA, 2000, p. 263 – 269) que rodam os vivos.

A cura ou malefício pelo poder invisível é constante na vida das pessoas que não têm uma explicação das causas e consequências de uma etiologia. E mesmo quando as têm, buscam

² A superstição é uma sobrevivência de cultos desaparecidos. Ficam vestígios atualizando as proibições ou atos vocatórios de infelicidades de outrora. Superstição, super-stitio, o-que-sobreviveu. Ajustam-se psicologicamente aos elementos religiosos contemporâneos, sempre condicionados à mentalidade popular. Permanecem no automatismo mímico, enunciação de frases afastadoras do Mal, ou renúncias denunciando os limites lícitos das devoções diluídas no tempo. É um reflexo associado. (CASCUDO, 1966, p. 19).

A superstição é uma técnica de caráter defensivo no plano mágico, legítima defesa contra as forças adversas. Opondo uma barreira ao assalto invisível e maléfico, age o amuleto, distanciando a possibilidade de realização nefasta. Esse movimento, instintivo, obscuro, poderoso, está muito além do raciocínio e se integra na intimidade misteriosa dos atos reflexos. (CASCUDO, 1966, p. 22).



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

explicação além do visível. É preciso resgatar essa importância, fazendo uma nova inserção do feminino na história. As mulheres detentoras de conhecimentos curativos foram perseguidas e levadas ao âmbito privado, para que o poder centralizador das nações e do homem pudesse se instalar (MURARO, 1993). A inserção traz o poder de uma nova aprendizagem.

A MULHER DIABA NO BRASIL COLÔNIA

A mentalidade da existência da mulher diabólica, recorrente em toda Europa Moderna, é trazida para o Brasil pelo colonizador português que, em volta da Inquisição, não deixa de nomear mulheres que mereciam o esconjuro.

A mulher era vigiada, até quando o companheiro estava ausente e sua ocupação situava-se em um papel menor e na sombra do homem, mesmo assumindo toda a responsabilidade familiar. Na tentativa de furtar-se à presença inquisitorial, a mulher estabelece laços de autoproteção.

As mulheres, desde a época colonial (DEL PRIORE, 1993), sempre foram solidárias³ entre si. Trocam seus saberes com as vizinhas, com as comadres e com os filhos, sendo os mesmos companheiros na divisão das tristezas e das alegrias, da solidão de uma vida penosa e dos conhecimentos práticos do cotidiano. É no descansar do fardo que carregam, entre a alegria e o cansaço, que se estabelecem vínculos, solidariedade e uma rede de informações sobre a vida.

Os vínculos são estabelecidos, conservando na fala das mulheres a liberdade de expressão.

Pela sua irreverência, ironia e espontaneidade, a fala das mulheres é prenhe de subversão. Ela conserva esse no-que-me-diz-respeito, essa distância que permite que os humildes preservem sua identidade. Resgatam sua memória. É também pelas mulheres – mulheres crepusculares – que se transmitem, muitas vezes de mãe para filha, a longa cadeia de história de família ou aldeia. (PERROT, 1992, p. 206 – 7).

A indagação inquisitorial se os vínculos estabelecidos por mulheres eram perigosos para a fé, coloca em evidência o medo que o homem tem das relações que fogem ao seu controle.

O processo da memória no homem intervém não somente na ordenação dos vestígios do passado, mas também na releitura desses vestígios, serão desenvolvidas reflexões no sentido de levantar questões e buscar respostas acerca da memória histórica e da memória social, às representações mitológicas -, até o desenvolvimento contemporâneo da memória, determinado pela avalanche e pela universalização das informações a que estamos sujeitos no mundo em processo de globalização.

A falta de uma assistência médica às populações de pouco recursos financeiros sempre deu vazão ao desenvolvimento das terapêuticas das mulheres que vendo o sofrimento dos entes queridos se valiam ou se valem das experiências e tentativas de curas utilizadas pelos mais velhos.

Hoje, como no período colonial (SOUZA, 2000), as adivinhações, as curas mágicas, as benzeduras, as influências das fases da lua sobre o corpo procuram responder às necessidades e atender aos acontecimentos diários, tornando menos dura a vida das pessoas que se encontram em

³Del Priore (1993) *Ao sul do corpo*: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia, faz um resgate da solidariedade feminina em meio à violência imposta pela estrutura ultramarina de colonização.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

dificuldade. Os valores subjetivos que vão sendo constituídos nesta situação de dificuldade perpassam pela necessidade de sobrevivência e afirmação existencial.

A “pedagogia do medo” instituída à mulher se revela quando alguns tipos de remédio, especialmente os abortivos, não devem ser ensinados a outra geração. Demonstrando um preceito colonial em que as mulheres deveriam ser a mãe ideal e a procriação devia ser coisa natural.

A INFLUÊNCIA DA IGREJA NA INCULCAÇÃO DE VALORES

A Igreja foi responsável pela inculcação dos valores sociais normativos, na época colonial. Quem poderia ser indicado como responsável, hoje, pela inculcação de tais valores? A mídia? A escola?

E, quem não tem pleno acesso aos meios de comunicação da inteligência informacional? Quem é responsável pelas tramas atuais na propagação de valores?

Talvez a resposta a essa inquietação ainda esteja associada à base instalada pela Igreja:

A Igreja sabia que a mãe representava o elo de transmissão de normas e valores ancestrais, como também que o isolamento da faina doméstica permitia a gestação de elementos culturais peculiares. Introduzir no mais recôndito do lar, do fogo doméstico, o modelo da boa-e-santa-mãe tinha por objetivo valorizar o matrimônio (...) (DEL PRIORE, 1993, p. 107)

Mas, também a transmissão de outros valores inspirados pelo Estado e pela Igreja na constituição e manutenção da ordem social, sempre regida por interesses particulares, esquece que a coesão de valores, conseguida no interior de um lar, pode soar contra a expectativa de grupos hegemônicos. Pois as nuances das relações se estabelecem contra poderes e brechas de mudanças, no próprio compor-se e recompor-se dos interditos e permitidos.

No compor e recompor de interditos e permitidos a inculcação da santa-mãezinha aparece como valor velado, remetido a passagem bíblica – “Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore” (Mateus, 12:33).- que anuncia a chegada do Juízo de Deus. Ela quer dizer que as mães são responsáveis pelo futuro dos filhos, que a orientação dada pelas mães é que fará a criança um futuro cidadão respeitador e respeitável na sociedade. Há uma primazia na representação do papel que é atribuído a mulher-mãe.

O filho é o que a mãe consegue conceber enquanto senso de justiça, honestidade e respeito ao outro. Os conflitos gerados nessa expectativa tencionam a mulher enquanto geradora da humanidade.

A mulher ameaçada de passar uma boa educação aos filhos para demonstrar a sua própria educação vai progressivamente se incumbindo de redimensionar os valores e assegurando-se de conhecimento não reconhecido pelo homem e pelo conhecimento científico instituído pelo mesmo.

O conhecimento de senso comum tratado pelas mulheres faz e refaz os valores sociais abrindo um espaço de conquista de humanização das relações de gênero e de mater-poder. Esse conhecimento que tem sido desprezado é na verdade a afirmação da existência de quebra de elo entre homens e mulheres que se pré-julgam e se julgam no medir das forças e não no coexistir nas tramas do conhecimento solúvel de problema cotidiano.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

As mulheres têm poderes de sociabilidade que diferem dos poderes dos homens, ocasionando sempre o conflito que gera a ruptura no estabelecimento dos poderes.

A CURA DA ALMA: A MULHER PASTORA - UMA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Vimos na Idade Média à cura do homem colocada sob a jurisdição exclusiva de Deus e do sacerdote; mais tarde, ficou colocada sob a da natureza e do médico. Assim, como os sacerdotes medievais proibiam que os não-clericais curassem, também os clínicos modernos (os médicos) proibem que os não-clínicos curem (SZASZ, 1976, p. 118 – 119). E, hoje, pleno século XIX, vemos a Igreja se apegar uma interpretação bíblica que não é favorável à mulher exercer a liderança eclesial porque esse poder foi conferido única e exclusivamente aos homens.

Como poderíamos ter um registro desse exercício também concedido às mulheres, se a Bíblia foi escrita na visão do patriarcalismo?

A defesa da mulher como ministra ancora-se no fato de que mulheres são honradas por Deus tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento. Em Juízes 4, vemos Débora, uma mulher escolhida por Deus para exercer a liderança. No Novo Testamento foram às mulheres que receberam a notícia da ressurreição de Jesus Cristo e a constataram (creram) (Mc 16:1-11; Mt 28:1-10; Lc 24:1-12; Jo 20:1-10). Vemos várias referências da participação da mulher na igreja primitiva.

Na igreja primitiva, as mulheres se ocupavam da oração (*Todos estes perseveravam unânimes em oração, com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele* - At 1:14) junto aos apóstolos sem distinção e do serviço assistencial (*Havia em Jope uma discípula por nome Tabita, nome este que traduzido, quer dizer Dorcas; era ela notável pelas boas obras e esmolas que fazia* – At 9:36; *Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está servindo à igreja de Cencreia, para que a recebeis no Senhor (...)* - Rm 16:1-2. E algumas se notabilizaram como fiéis cooperadoras do apóstolo Paulo, como Febe, Priscila, Trifena, Trifosa, Lídia, etc. (Rm 16, At 18:26).

O murmúrio divino da nossa espécie consiste em homem e mulher se unirem, se fundirem e se formarem de novo em infinitas variações e infinitos potenciais de expressão. Por esse motivo, todo o ataque e preconceito sobre o sacerdócio da mulher devem ser repensados na sociedade atual. O que se pode esperar é o pulsar do amor apregoado por Jesus Cristo. Na expressão de Santângelo (2014, p. 14) “(...) o importante não é compreender; mais importante é amar. Nenhuma lógica é necessária quando existe o amor. (...) O meu conselho é que você saiba compreender, compadecer-se, falar e calar. Procure escutar! É uma das tarefas mais difíceis, mas é muito necessária.”

O nosso século precisa aprender a escutar e a realizar mudanças de postura, entender que

A feminilidade é o complemento necessário da masculinidade. Em cada mulher está escondida ou manifesta-se a mulher-mãe, mesmo nas mais áridas e intelectuais. Seja delicado com elas. Seja irmão, amigo, pai. Todas as mulheres guardam o poder divino da maternidade. Somente Deus é completo. Ele é Pai e também Mãe (SANTÂNGELO, 2014, p. 15).



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

A cura da alma seja realizada pelas mulheres que têm o chamado divino. A partilha do púlpito ou o altar é importante e significativa. Mas, partilhar o amor, a paz, a esperança é tudo o que Deus espera do homem e da mulher para dizer é a minha semelhança.

Os pastores/padres de todas as partes deveriam iluminar sua prática com o sonho de um futuro novo, em que as pessoas aprendessem, através de novas relações sociais, as lições da justiça e da solidariedade.

É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com nosso corpo inteiro. Com sentimentos, com as emoções, com desejos, com medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional (FREIRE, 1993, p. 10).

Ousar é abrir espaço para atuação da mulher na função de líder eclesiástica. O direito da mulher exercer o sacerdócio não virá da sociedade do período em que a Bíblia foi escrita pois a mesma era extremamente machista. Por isso temos que pensar hoje, em relação aos direitos das mulheres, pois é evidente que a base de igualdade entre os dois sexos é colocada nos textos sagrados (At 18:26, Rm 16:1) e que todas as passagens utilizadas para tirar o direito da mulher como autoridade espiritual demanda de uma exegese (1Tm 2:11-12, 2Tm 2:14).

Qualquer reflexão sobre o direito das mulheres a serem pastoras sofre a influência da disciplina que rege as leis da igreja católica em relação à ordenação de padres. Na igreja católica não existe a possibilidade de uma ordenação de mulher. Há muitas igrejas protestantes onde o papel da mulher como pastora não suscita mais nenhuma perplexidade. Outras, provavelmente por causa da influência da igreja católica, ainda não trilham essa estrada.

Como as mulheres podem assumir seu papel ministerial em meio à disputa entre o público e privado e as questões de gênero imposta pela sociedade machista?

CONCLUSÃO

Deixamos as ideias postas para servirem de ponto inicial de discussão sobre o papel da mulher no cuidar do outro, isso inclui o ministério pastoral. As discussões devem possibilitar a mulher posicionar-se sobre o papel social e religioso que exerce na vida da família e da sociedade, principalmente como mentora espiritual.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **A condição humana**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

BARRETO, M. R. N. Doenças de mulheres na Bahia do século XIX. In: SARDENBERG, C. M. B.; VANIN, I. M.; ARAS, L. M. B.(Orgs.). **Fazendo gênero na historiografia baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001. p. 27 – 34.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BEBHABIB, S.; CORNELL D. (orgs.). **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de estudo de Genebra**. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993. 358 p.

DELUMEAU, J. A cultura dirigente e o medo (segunda parte). In: **O medo no Ocidente: 1300 – 1800 uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 205 - 419.

DREHER, M. N. Inquisição. In: **História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 202 a 205.

_____. Raízes negadas. In: **História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 338 a 342.

_____. Xamanismo. In: **História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana**. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 336 a 337.

FOUCAULT, M. 1985. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. 5 reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 246 p.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Ed. Olho d' Água, 1993. 127 p.

GINZBURG, C. Feitiçaria e piedade popular: notas sobre um processo modenense de 1519. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 3 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 15 a 39.

_____. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. 3 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 143 a 179.

KRAMER, H. & J. SPRENGER. **O martelo das feitiçeras: malleus maleficarum**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. 528 p.

MALUF, M. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995. 305 p.

MICHELET, J. **A feitiçeira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. 276 p.



n. 18 (jan. – jun. 2015), jun./2015 – Gênero, Saberes e Formação de Professores

MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. 3 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. 205 p.

_____. Breve introdução histórica. In: KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras: malleus maleficarum**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. p. 5 a 17.

NYE, A. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1995.

PERROT, M. As mulheres, o poder, a história. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 167 a 231.

_____. Práticas da memória feminista. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 9. n. 18, ago./set., 1989.

SANTÂNGELO, Enzo. **Mulheres missionárias e o poder do testemunho**. São Paulo: Alô Mundo, 2014. p. 14-15.

SICUTERI, R. **Lilith: a lua negra**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. 211 p.

SOUZA, L. M. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. 7 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 396 p.

SZASZ, T. S. A inquisição e a psiquiatria institucional (parte I). In: **A fabricação da loucura: um estudo comparativo entre a inquisição e o movimento de saúde mental**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p. 31 a 166.